

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME III

LVII
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

FONTES PARA A PESQUISA PRÉ-HISTÓRICA NO BRASIL (*).

J. AFONSO DE MORAES B. PASSOS
do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo.

1. — **RÁPIDO BOSQUEJO SOBRE O ESTADO DOS ESTU-
DOS DE PRÉ-HISTÓRIA NO PAÍS (1).**

a). — *Os estudos pré-históricos vêm progredindo em nossa terra. Lenta, mas constantemente.*

Primeiro, só dispúnhamos dos pioneiros, a começar pelos mais remotos, como Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied, que de 1815 a 1817 nos visitou. Naturalista como outros que o antecederam, interessou-se pela etnologia. A maneira de viver, a organização social, os costumes dos Botocudo do Rio Doce, assim como dos Purí, Pataxó e outras tribos foram observados e descritos pelo cientista. O tão justamente famoso Auguste de Saint-Hilaire, que aqui ficou de 1816 a 1822, igualmente analisa os Botocudo, os Coroado, os Caiapó com suas culturas ágrafas. Martius, mais ce'brizado por sua *Flora*, escreve também monografias sobre nossos aborígenes. Pieter Wilhelm Lund, vivendo 55 anos no Brasil, é o cultor principalmente de fósseis de plantas e animais; liga seu nome indissolivelmente às pesquisas paleontológicas de Lagoa Santa, cujo sucesso lhe trouxe fama mundial. A partir de'e, o "Homem de Lagoa Santa" adquire foros de cidadania perpétua na Pré-História mundial. Alcide Dessalines d'Or-

(*) . — Comunicação apresentada na 2.^a sessão de estudos, Equipe D, no dia 3 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1) . — Aqui entendemos por Pré-História a história do homem antes da escrita, seu método — a arqueologia pré-histórica — e igualmente a paleo-etnologia. As culturas pré-colombianas da América também integram a Pré-História, sendo que as "altas culturas" (México, América Central, Perú) são consideradas Proto-História.

bigny veio para a América do Sul em 1826, em viagem patrocinada pelo Musée d'Histoire Naturelle de França, e em suas andanças, a partir de Buenos Aires, esteve também em nosso país, peculiarmente na região do Guaporé e Mamoré, redigindo uma primeira classificação dos grupos "primitivos" sul-americanos, embora como simples tentativa. Saltando alguns, de grande nomeada como naturalistas (Darwin, Richard Spruce, príncipe Adalberto da Prússia, F. de Castelnau, Louis Agassiz), com Charles F. Hartt, geólogo, paleontólogo, arqueólogo, etnógrafo já se estuda mais especificamente nossa pré-história. Em 1867 trabalha em nosso meio missão enviada pela Smithsonian Institution, em 1870 Herbert H. Smith, geólogo, zoólogo e etnólogo também dos Estados Unidos e, no mesmo ano, chega ao Rio, convidado por Hartt, Orville Adalbert Derby, geólogo igualmente ele, e arqueólogo, eminente estudioso de nossa etnografia, que viria a falecer após 46 anos de residência no Brasil, em 1916. Karl Rath, que falece em São Paulo em 1875, entre outras atividades, analisa sambaquis da região de Iguaçu. Jules Creveaux estuda populações da Amazônia, morrendo em 1882. Karl von den Steinen, chegado com Paul Ehrenreich ao Brasil em 1880, sobe às cabeceiras do quase desconhecido Xingú (o rio fora em parte explorado pelo príncipe Adalberto de Hohenzollern, da Prússia) e enriquece sua coleção de material etnológico; estuda igualmente os Botocudo. Os dois alemães iniciam análise científica das tribos brasileiras. Em 1898, Ermano Stradelli instala-se na Amazônia, onde falecerá depois de terrível moléstia, em 1926. A dra. Emília Sneath trabalha perto de 30 anos em suas classificações de aves e mamíferos, mas também em observações dos costumes indígenas; até 1922 trabalha para o Museu Goeldi e, depois, para o Museu Nacional. Em 1909 e, em segunda expedição iniciada em 1914, Erland Nordensköld, diretor do Museu de Gottenbourg (Suécia), reúne material arqueológico de valor na bacia amazônica e visita tribos muito "primitivas". Koch-Grüenberg, diretor do Museu de Etnografia de Stuttgart, faz várias expedições ao Brasil e sobre etnografia americana publica 40 volumes; só o seu *Von Roraima zum Orinoco* são 5 volumes. Falece em 1924. Em 1908 inicia-se a expedição de Max Uhle, diretor do Jardim Botânico de Berlim que, vivendo na América do Sul por 40 anos, deixa a botânica e se torna arqueólogo e etnólogo; alguns o denominam pai da arqueologia pré-histórica da América do Sul. Sistematiza a pesquisa arqueológica, funda museus na costa pacífica, ativa o trabalho dos americanistas. Hamilton Rice, em 1924, principia série de expedições a nosso país, fazendo de Manaus sua base de operações e interessando-se pela etnologia, geografia e geologia. Mas, Kurt Niemuendaju Unkel, alemão, por sua obra ocupa lugar impar. Em 1906 visita sua primeira tribo indígena; depois, dedica toda sua vida aos aborígenes. Em 1911 ingressa no Serviço de Proteção aos Índios, dirigido por Rondon. Acabou por fixar-se em meio aos

silvícolas, vindo a falecer a 10 de dezembro de 1945, no Amazonas. Em 1913, William Curtis Farabee, norte-americano, etnólogo, estuda tribos e “tesos” do norte brasileiro. Alfred Métraux, exímio perito em povos Tupí-Guaraní, Crequi Monfort, etnógrafo, o grande Paul Rivet são nomes de cientistas que muito enriqueceram os estudos de nossa Pré-História em fase já bem desenvolvida. R. Krone, H. von Ierhing, A. Loefgren, outros, notáveis. Emílio Goeldi, suíço, dedicado à etnografia, eminente por suas expedições e critério científico. J.B. Steer, Lucien Adam, Colbacchini, Albisetti e Venturelli, Mordini, Antônio Serrano, este da Argentina, Mme. Anette Laming Emperaire, com tantas expedições ao Brasil e que, nos últimos anos, chefia as excavações em Lagoa Santa, da missão Franco-Brasileira. Levy-Strauss, um dos cumes da ciência etnológica atual, também estudioso de nossas tribos e tantos, tantos outros estrangeiros, universidades, instituições, museus do exterior, até estes dias de 1973.

Brasileiros, temos uma plêiade. Faremos injustiça, mas não podemos citar a todos. Hoje em dia, felizmente, já não são assim tão poucos, se compararmos seu número atual com o do passado. Num confronto assim, repetiremos que se multiplicaram várias vezes. A Pré-História valorizou-se em nosso meio cultural, aperfeiçoou-se, iniciaram-se cursos metódicos, e nossos pesquisadores são verdadeiros cientistas que produzem trabalho exímio e já amplo.

Podíamos lembrar, de passagem, desde os mais antigos, D. Ferreira Pena, Ladislau Neto, J.B. de Lacerda, Couto de Magalhães, Rondon e suas expedições, Roquete Pinto, Avelino Inácio de Oliveira, Picanço Diniz, He'oisia A. Torres, Raimundo Lopes, Egon Schaden, Herbert Baldus, Paulo Duarte, os núcleos de pesquisadores do Museu Goeldi, do Museu Nacional, do Museu Paulista, do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal do Paraná, da do Rio Grande do Sul, do Pará, Bahia, Goiás, Pernambuco, de outros Estados, do Centro de Pesquisas Anchieta, do Museu do Homem do Sambaquí, de vários Centros espalhados pelo país.

*

b). — *Cursos de Pré-História no Brasil* ainda não fazem parte do curriculum de todas as universidades. Explica-se o fato pela ausência de suficiente número de professores especializados. Espera-se que os atuais alunos, depois de formados, possam suprir as necessidades. Há cursos, porém, em vários estabelecimentos universitários. Em quase todos, a quanto saibamos, são cursos optativos ministrados por mestres abalisados que, talvez, poderiam periodicamente serem “emprestados” para dar cursos intensivos de Pré-História nas instituições desse nível que ainda careçam deles.

Como disciplina obrigatória, necessária para a introdução dos alunos aos inícios da História, existe somente, pelo que nos informam, nas duas universidades de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a Federal e Católica. Foi a Pré-História nelas introduzida pela prof. Earle McCarthy Moreira, na primeira em 1956, pouco depois na segunda, e situada dentro dos respectivos Departamentos de História, ao mesmo nível que as disciplinas divisórias dos períodos históricos (antiga, medieval, moderna, contemporânea). Observem-se: o ano, 1956, o caráter de obrigatoriedade e a localização escolar dos cursos — dados que provocam nossos cumprimentos aos colegas gauchos.

* *
*

2. — LEVANTAMENTO DAS FONTES DE PESQUISA PRÉ-HISTÓRICA.

Não possuímos ainda nenhum catálogo geral de setores da Pré-História. E ainda se passarão muitos anos sem podermos dispor de algo semelhante. Num país, grande como o nosso, e onde a pesquisa pré-histórica, certamente mais numerosa que no passado, ainda é incipiente, não se pode esperar elencos como os aludidos. O que se pode fazer é ir registrando as descobertas ou novas explorações científicas, cada vez mais frequentes.

Disso se encarrega, também e oficialmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério de Educação, ainda com sede no Rio de Janeiro. Conquanto o nome não declare, superintende igualmente ao patrimônio pré-histórico da nação, concede licenças para seu estudo *in loco* e o registra. Como cumpre a ele e não a nós, professor e particular, divulgar o que faz, prosseguimos em nossa exposição.

Sabem os especialistas como descobrir suas fontes de pesquisa. Permitam-nos aqui os eminentes professores universitários de História apenas aludir a algumas técnicas e ao assim denominado “acaso”, sempre muito útil.

Este certamente é elemento constante. Por vezes, havendo iniciado uma pesquisa bem determinada, o acaso nos faz encontrar o que não esperávamos de modo algum. Em outras, a busca de localizações de sítios nos faz deparar, de surpresa, com setor ignorado e de riqueza arqueológica. Assim, em outros exemplos variados. Sabem todos que se dedicam ao *métier*, quanta alegria e satisfação existem num desses “encontros por acaso”, mesmo quando um trator cego arranca parte de urna funerária e descobre um sítio indígena antigo.

A primeira busca de localização, porem, faz-se geralmente através dos indícios. Sabe-se o que se deseja, há talvez indicações em passagens bibliográficas antigas, quem sabe já houve até anteriores pesquisas locais ou na região. São proveitosas as tradições, lendas, vigentes na zona. As evidências geológicas podem autorizar a probabilidade ou incerteza de determinados depósitos pré-históricos. A paleobotânica, como pollens, também é fonte para se situar um local de pesquisa. Uma vegetação característica e mais enriquecida é sinal de algum depósito orgânico subjacente.

A aero-fotografia tem sido muito usada ultimamente. Pode indicar sítios arqueológicos insuspeitados, maxime se as fotos são tomadas nas horas melhores, fora do sol a pino.

O detetor eletro-magnético, colocado em uso militar para a descoberta de minas semeadas num terreno, é de alguma utilidade em arqueologia pré-histórica, mas pode servir alguma vez. Revela todo objeto magnético, portanto (alem de metais), pedras ferruginosas, cerâmicas.

Desde 1946, a partir das experiências feitas em Dorchester, junto de Oxford, utiliza-se também o método da prospecção elétrica do solo. Enfiando-se na terra elétrodos ligados a um gerador e lendo, em especial painel, as variações de intensidade elétrica de um ponto a outro (duração de um medida: de 10 a 15 segundos), pode-se ver qualquer irregularidade na estrutura do solo e do sub-solo próximo. A idéia veio do princípio de que a terra é condutora de eletricidade e de que o grau de condutividade da crosta terrestre varia de um ponto a outro, segundo a natureza das rochas que a constituem. Assim se podem encontrar cavidades subterrâneas.

Há ainda outros métodos científicos, talvez mais sofisticados, mas o melhor de todos os modos é sempre a prospecção sistemática de um terreno. Esse é o meio mais usado e mais frutuoso no levantamento das fontes de pesquisa.

* *

*

3. — PRINCIPAIS FONTES DE PESQUISA PRÉ-HISTÓRICA NO BRASIL.

a). — *Iniciemos pelos fosséis humanos.*

São realmente muito valiosos para o conhecimento da Pré-História brasileira, enquadrando-a dentro da P-H americana.

Tomando-se, como *provavel*, data em torno de 30 mil anos para o início do povoamento da América — os indícios, não fosséis humanos, comprovam datas só a partir de pouco mais de 21 mil anos atrás

(2) —, e isso na Norte-América e a de uns 16 mil anos atrás para ossos humanos em Muaco, Venezuela (3), com *probabilidade* de a América do Sul ter sido povoada cerca de uns 20 mil anos atrás, verificamos que o Brasil terá principiado a abrigar populações somente há uns 11, 12 mil anos atrás, quem sabe um pouco antes (4).

A primitiva população americana não era mongol, pois essa raça se consistiu, de modo completo, mais tarde e sua vinda para nosso continente parece ter-se dado entre 8 mil a 4 mil anos a.C.

Denomina-se a população primitiva de “páleo-índia” ou, melhor, dá-se ao tipo inicial o nome de *Homo Americanus*. Assim, terá sido ainda esse habitante remoto o que primeiro atingiu o território que futuramente seria o nosso. Vai ele misturar-se com as migrações de raça mongólica que virão para América com meios mais eficientes para dominar o ambiente, arco-e-flecha, e com maior disponibilidade e segurança de alimentação, devido à agricultura que, ou, mais provavelmente, trarão do Velho Mundo, ou talvez tenham inventado por aqui mesmo.

(2). — Realmente, os 35 mil anos, ou mais, atribuídos primeiramente aos testemunhos de indícios de cultura humana de Lewisville (condado de Denton, Texas, E.U.) e 33 mil computados para a presença do homem em T. Street Site, (San Diego, Califórnia, também nos E.U.) foram muito reduzidos por análises mais rigorosas, chegando a pouco mais de 20 mil anos atrás. Os 17 mil que avaliavam para a indústria encontrada junto ao lago (hoje seco) de Manix (Califórnia) também foram diminuídos para 12.300 AC. — Ver “Radiocarbon”, vol. 9, 1967, p. 478.

(3). — Cf. Cruxent (J.M.) e Rouse (I.), *A lithic industry of Paleo-Indian type in Venezuela* in “American Antiquity”, 22, n.º 2, 172-179;

— *An archeological chronology of Venezuela*. Washington, Pan American Union, Social Science Monographies, 2 vol., 1958-59.

Cruxent (J.M.), *Huesos quemados en el yacimiento prehistorico de Muatlem Informativo*, 1, n.º 2, 20-21.

Rouse (I) e Cruxent (J.M.), *Further comment on the finds at El Jobo, Venezuela*, in “American Antiquity”, 22, p. 412, (1957).

Royo y Gomez (José), *El yacimiento de vertebrados pleistocenos de Muaco, Estado de Falcón, Venezuela, con industria litica humana*, Copenhagen, Norden. Congresso Internacional de Geologia, 21 sessão, parte 4. (Datação: 16.375 ± 300 atrás).

Cf. também: Krieger (Alex D.), *Early man in the New World* in “Pre-historic man in the New World” de Jesse D. Jennings e Edvard Norberck, Chicago, The University of Chicago Press, 1964, p. 23-84.

(4). — Até agora as datações de Lagoa Santa dão para esse sítio arqueológico 10.024 ± 127 anos. Cf. Hurth (Waesley R.), *New and revised radiocarbon dates from Brazil*, State University of South Dakota Press, W.H. Over. Mus., 1962, vol. 23, n.º 11, 12, p. 1-4. — É o que temos, no corrente ano, de mais recente. Não nos consta que Mme. Empeaire, nas suas pesquisas atuais em Lagoa Santa, haja encontrado, por enquanto, algum crânio, ou ossos, que nos dariam datas melhores, além dos carvões já achados, perfeitamente datáveis, que indicam habitação humana.

Os caros colegas permitirão que não me alongue nesse ponto, pois aqui, num Simpósio, não me é lícito subtrair demasiado tempo de outros. Mas, por certo, cada pormenor aludido devera ser tratado densamente, tal a importância de que o assunto é dotado.

Fósseis humanos, pois, os temos mais antigos, por enquanto, em Lagoa Santa. Haverá em outros lugares de nosso dilatado país outros, de idade tão vetusta? É de supor-se, pois o homem não poderia ter-se estabelecido lá antes de ocupar outras regiões.

Mais recentes, contudo, existem e em certa quantidade. Encontramo-los precipuamente nos sambaquis e nos sítios de sepultamentos e necrópoles. E deles já falaremos em itens seguintes.

Fique estabelecido que o encontro de fósseis humanos é altamente relevante. Tais ossos podem possibilitar estudos, referentes a raças, índices craneanos e toda a antropometria, duração da vida, miscigenação, sendo um documento histórico não escrito de ampla revelação de dados sobre as antigas populações de nossa terra.

*

b). — *Sambaquis* (“depósitos de ostras”).

O nome, indígena, designa, pois, concheiros. E o são, já que cerca de 90 a 95%, ou mais ainda, de seu conteúdo são conchas. Casqueiros também são chamados, ostreiras, berbigueiros (de berbigão). Seu nome internacional que, agora, parece estar cedendo lugar ao nosso, é *kjökkenmonddiger*, denominação dinamarquesa. Restos de cozinha. *Shell-mounds*, *Kitchmen-midden*, *Amas de coquile*, *conchales*, *kai-zuka* no Japão (5).

Datam do mesolítico americano e do neolítico.

Ocupam no Brasil vasta extensão, ladeando o litoral de norte a sul, conquanto existam também nas proximidades do Rio Amazonas. Sua maior concentração é na região contínua que se alonga entre o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul. Talvez o maior número se reúna no Estado de Santa Catarina. Cananéia, no Estado de São Paulo, e região su¹, são também fecundas em sambaquis, não obstante as muitas destruições sofridas através dos últimos 4 séculos. Justo destacar aqui o trabalho indefeso de Paulo Duarte, pugnando sem desânimo por

(5). — Duarte (Paulo), *O sambaquí, visto através de alguns sambaquis*, São Paulo. Universidade de São Paulo. Instituto de Pré-História, 1968, p. 3. — Aliás, Paulo Duarte redigiu também *Fontes de pesquisa pré-histórica* in “Estudos de Pré-História Geral e Brasileira”. São Paulo, Universidade de São Paulo. Instituto de Pré-História, 1970, p. 348 a 442; publicado ainda como separata, impressa na “Revista dos Tribunais”, São Paulo, 1970.

esses depósitos da vida e cultura de populações que nos precederam neste lado do Atlântico. Quanto aos do Vale do Ribeira, já em 1914 Ricardo Kröne apresentava levantamento até hoje consultado (6).

Um sambaquí é verdadeiro e complexo livro de antropologia física e cultural. Em muitos, encontram-se esqueletos, em parte ou ainda conservados quase integralmente; e a desproporção entre seu número, os muitos anos de “edificação” do sambaquí e a suposição da quantidade de pessoas que por todo esse tempo o devem ter “construído” ou levantado, pois tais esqueletos, escalonados dentro dos anos de levantamento do depósito, são poucos — deu azo a que o já aludido mestre Paulo Duarte, formulasse interessante hipótese (7).

Pode-se ver, e estudar, nos sambaquís o setor econômico do homem que por ali viveu. Sua alimentação, suas armas — que vão desde os machados lascados, em camadas mais antigas, até aos instrumentos polidos —, o material ósseo usado para vários fins, inclusive de adorno (discos perfurados, vértebras de peixe igualmente com furos artificialmente feitos, dentes preparados para enfeite ou utensílio), as conchas usadas também para adorno. Os sepultamentos com posição fletida ou estendida, com ou sem mobiliário funerário e ocre (peça rara é algum zoomorfo), indicando algo de suas crenças — o que deve ser focalizado com extremo cuidado (8) — e, tudo, sua vida cultural.

Alem disso, o sambaquí é uma pepineira de estudos para a malacologia e zoo'ogia em geral, para a geologia, climatologia e outras especializações das ciências naturais.

Observemos, ainda, que o sambaquí é pré-cerâmico, conquanto, nas camadas superiores, haja por vezes alguma invasão de populações mais recentes.

As técnicas de pesquisa dos sambaquís já evoluíram muito e se aperfeiçoaram. Mas, mesmo assim, não convem sejam todos pesquisados — o que realmente seria quase impossível, dado o tempo que se emprega para explorar um único — pois, nesse tipo de arqueologia pré-histórica a pesquisa significa desmonte estratigráfico e, pois, destruição do depósito. Devemos deixar algo para os especialistas do futuro. Com mais técnica e novos instrumentos poderão extrair do sambaquí, quem sabe, todo o ensinamento que contem.

6). — Kröne (Ricardo), *Informações ethnográficas do Vale do Ribeira* in “Exploração do Rio Ribeira de Iguape”. São Paulo, Comissão Geográfica e Geológica, 1914.

(7). — Duarte (Paulo), *O sambaquí, visto através de alguns sambaquis*, cit., p. 100-107. O sambaquí seria o antepassado, em linha reta, da mastaba egípcia, das pirâmides, mausoleus, criptas de catedrais medievais.

(8). — Cf. Leroi Gourhan (André), *Les religions de la Préhistoire*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971. (2.^a edição).

*

c). — *Sepultamentos.*

Alem dos que já mencionamos especificamente, há por todo o país sepulturas indígenas em camocins, igaçabas, urnas funerárias. Tais modos de enterramento demonstram culturas mais avançadas tecnicamente, pois datam já dos tempos cerâmicos. Apesar das destruições a que ficam sujeitas pelo trabalho dos agricultores ou, ultimamente, pela avidez dos comerciantes e traficantes de “antiquidades”, ainda há muitas urnas funerárias através de nosso território.

Pelo estudo delas se pode depreender a técnica com que foram feitas, as diversas práticas funerárias, um pouco das crenças, o complexo dos adornos, a média de vida de determinada população (quando o número de sepultamentos, evidentemente, permite), às vezes a patologia óssea, e se obtem as medidas antropométricas possíveis. Aspectos da vida econômica também nos são revelados.

Para as datações de cerâmica usa-se também o método da termo-uminescência, bem atuado, entre outros, também em São Paulo pelo laboratório do Prof. Watanabe, da Física do Estado Sólido, da Universidade de São Paulo. Mas, tocaremos outra vez em cerâmica mais abaixo.

Ainda sobre sepultamentos, há os *mounds* ou *Tesos*. Não muitos. *Mounds* ou *mounds buildings* são monumentos arqueológicos frequentes nos Estados Unidos, especialmente na região delimitada pelos rios Missuri-Mississippi, de uma parte, e pelo Rio Grande do Norte (rio). Em nossa terra, ao menos no estado atual das pesquisas, parecem ser raros. No México há muitos.

Para os norte-americanos, são cemitérios de indígenas, nos quais se podem encontrar restos humanos e mobiliário funerário — material em sílex ou cerâmica, que acompanhava os mortos; e, característica essencial, são edificados em camadas superpostas, feitas ou de pedra ou de terra ou das duas ao mesmo tempo. Para nos atermos a essa definição, no Brasil só mesmo o teso de Pacoval se enquadraria nesse tipo.

Mas, na região amazônica possuímos alguns desses monumentos arqueológicos, que também podemos denominar tesos ou *mounds*. A ilha do Marajó é célebre pelos seus. E Nordenskiöld estudou na Bolívia (região de Mojos) e na Venezuela (rio Cassiquiare, que comunica o Negro ao Orenoco) pequenas colinas, naturais ou artificiais, igualmente denominadas *mounds* (notadamente, o *mound* Hernmarck e o Velarde), sobre as quais antigos habitantes se refugiavam estavelmente das inundações fluviais; ali também há, em camadas inferiores,

sepultamentos diretamente na terra, sob forma estendida, seguidos logo de outros, em urnas pintadas e com acompanhamento de cerâmica de 4 ou três pés (9).

Em nossa terra, pois, além de Pacoval, temos ainda o de Camutins, o *mound* de Santa Isabel (N.O. do lago Arará, sempre na ilha do Marajó), o “teso do Severino”, outros menores.

O mobiliário funerário que acompanha os sepultamentos é de alta relevância. A'em das igaçabas, enterradas com cuidado e esmero — terra especial envolve as urnas, por fora — e em geral bem ornamentadas, e demonstrando enterramentos secundários (depois da decomposição do corpo em outro local), há as chamadas “tangas”, famosas em todo o mundo, há pequenas vazilhas ornamentadas, por vezes ídolos, cachimbos, potes para água, uns com, outros sem asas, maracás, adornos.

Só por essa rápida enumeração, todos podem ver quão rica é a arqueologia pré-histórica dedicada aos *mounds* brasileiros. — E estes são poucos!

Ainda sobre sepultamentos, outra modalidade.

Refere-se aos hipogéus. Este nome erudito, provindo da idade clássica e, depois, da arqueologia histórica, indica uma construção funerária subterrânea.

(9). — Nordenskiöld (Erland), *Ars Americana, L'archéologie du bassin de l'Amazonie*. Paris, 1930.

— Cf. Mordini (Antonio), *Les cultures pre-colombiennes du bas Amazone et leur developpement artistique*. Hamburg, Sonderabdruck aus den Verhandlungen des XXIV Internationalen Amerikanisten Kongress, 7 bis 13 september 1930.

Torres (Heloisa Alberto), *Cerâmica de Marajó*. Rio de Janeiro. Escola de Belas Artes, 1929.

Ainda: Derby (Orville) *Contribuições para a geologia do Baixo Amazonas*. Arquivos do Museu Nacional, Volume 1, Rio de Janeiro, 1876. — Hartt (Charles Fred), *Contribuição para a etnologia do Vale do Amazonas*, Rio de Janeiro. Arquivos do Museu Nacional. Volume VI, 1885.

Tambem: Niemuendaju (Kurt), *Les recherches archeologiques au Brésil* in “Journal de la Société des Américanistes de Paris”. Paris. Nova Série, tomo XX, 1928. — A bibliografia, especialmente a mais recente, é extensa. Damos alguma coisa:

Brochado (J.P.) et alii, *Arqueologia Brasileira em 1968*. Belem, Museu Goeldi, Publicações Avulsas n.o 12, 1969.

Figueiredo (Napoleão), *Contribuições à arqueologia da fase marajoara*. São Paulo. Revista do Museu Paulista. Nova Série, n.o 14, 1963; *A cerâmica arqueológica do rio Itacaiumas*. Belem, Museu Goeldi, Antropologia n.o 27, 1965.

Meggeres (B.J.), *Amazônia, man ad culture in a counterfeit paradise*. Chicago, Aldine Atherton Inc., 1971.

No Brasi', no extremo norte. Emílio Augusto Goeldi encontrou dois, assim chamados, não porque fossem grandiosos como os da antiguidade, mas sim porque, dentro do quadro nacional de proporções, lembravam aqueles. Foi junto ao rio Cunaní, igarapé do Holanda, no cimo de pequena colina chamada Monte Curú.

Um pedaço de granito, em forma de pirâmide um pouco alongada e truncada, estava colocado ao centro. A cerca de 8 mts. de cada lado do marco encontrava-se um disco também de granito (1,50 m. de diâmetro, 16 cms. de espessura). Goeldi e seus auxiliares removeram, com dificuldades, o disco, que abriu passagem para um poço de 2.50 mts. de profundidade, no fundo do qual havia um espaço em forma de semicírculo, com raio de 90 cms., no qual se achavam 8 igaçabas de formas e tamanhos diferentes, mas em grupos iguais de 2 a 2. Representavam formas humanas.

Sobre os autores dessa cultura e de outros atestados existentes no norte do Brasil, divergem os especialistas, qualificando-as alguns de proto-história brasileira e conectando-as, como hipótese de trabalho, com culturas do Centro América ou dos Andes. — Há, aí, largo campo de pesquisas.

*

d). — *Líticos*.

Por esse nome queremos compreender aqui, o conjunto de peças em pedra, disseminadas por todo o país. Não tendo nossos aborígenes atingido a utilização do metal, quase todos seus utensílios eram feitos com pedras. Havia-os também em osso, madeira, conchas, mas a maior parte que resistiu ao tempo é de material lítico.

Podemos estabelecer também grandes divisões, consoante a técnica foi progredindo, desde artefatos toscos e pesados até os polidos e micróitos. Igualmente, estuda-se a maneira de confeccionar tais peças, como em outras partes do mundo, por pressão, percussão, atrito, produzindo núcleos, lascas, lâminas. Analisa-se também a formação de grupos "industriais" (como dizemos), e de escolas de técnica. E, em parte, as sociedades que viviam com esses meios.

A produção de bens e utilidades, o setor econômico, aqui tem fundo veio de pesquisas.

*

e). — *Sinalações rupestres*.

Mais comumente conhecidas como "Arte rupestre", nome nem sempre exato, porém de uso universal.

Si nos restringimos, por um momento, só ao setor “artes”, lembraríamos as esculturas, que, no caso brasileiro, não são assim tão comuns. Já assinalamos algumas, em geral ao norte do país. Há ainda os muraquitãs, nefrites trabalhadas, gravados em forma de animal ou homem. E os zoólitos, igualmente não tão frequentes.

Mas, nosso presente item refere-se a sinalações em rochas. Uma das manifestações artísticas. E a arte é uma das manifestações primordiais da espécie a que pertencemos.

Há muitas delas no Brasil e já houve bem mais, antes de serem destruídas impiedosamente.

São pinturas e gravuras ou insculturas feitas sobre paredes rochosas, lajedos e mesmo em pequenos pedaços de pedra. Lugar preferido parecem ter sido os abrigos sob rochas e grutas.

Encontramos sinais que não podemos interpretar com segurança, ao lado de mãos, animais, círculos, paliçadas, por vezes figuras humanas, pontos e muitos outros mais. Como em outras partes do mundo, às vezes nos defrontamos também com arte esquemática, diríamos estilizada.

Muitas dessas figuras e sinais receberam coloração vermelha ou amarela através de óxidos de ferro e ocre, ou tonalidade negra por fumo ou óxidos de manganésio. Por vezes apresentam-se brancas, com ajuda de pasta de caolim.

As insculturas são cavadas nas paredes ou no chão dos lajedos, com paciência e arte. Supõe maior emprego de tempo e talvez de finalidades.

A pesquisa, aqui, da capacidade criativa dos antigos habitantes da que, hoje, é nossa pátria, de sua vida mental, de seus recursos técnicos, quem sabe de seu mundo sobrenatural é algo de fascinante.

*

f). — *Cerâmicos.*

Já nos referimos algumas vezes à cerâmica. Parece-nos seja a fonte de pesquisa pré-histórica mais estudada em nossa terra. Suas classificações já se podem dizer definitivas, nas suas linhas gerais. Compuzeram-nas muitos brasileiros ilustres e também pesquisadores da *Smithsonian Institution* de Washington. As várias “tradições” de confecção e decoração cerâmica são algo de estabelecido, com algumas naturais divergências em certos pormenores.

Lugar especial cabe à cerâmica amazônica, como já observamos. Na sua feitura, estética, por vezes simbologia é técnica e culturalmente evoluida.

De introdução ou invenção relativamente recente (uns 3 mil anos a.C.) no Brasil, a cerâmica, dada sua utilidade, expandiu-se largamente, criando “escostas” ou modo constante de ser feita, tipos variados, satisfazendo finalidades diversas, inclusive a de ornamentação. É um opulento campo para estudos e será este, mesmo acima do dos sambaquís, o único setor do qual podemos ter no momento visão global e sintética.

*

g). — *Setor habitacional.*

Compõem-no as cavernas, os restos de acampamento e antigas moradias, até abrigos artificiais, mais ou menos improvisados, e as estearias.

As cavernas podem representar o mais antigo núcleo de habitação. Ainda não estão muito pesquisadas, com exceção de poucas. Há várias que estão fechadas por aluviões ou desabamentos. Algumas possuem ainda sinalações rupestres.

É desejável possam vir a ser estudadas metodicamente. Revelariam ossadas de habitantes primevos, restos da fauna, restos culturais como mobiliário e adornos. Até coprólitos são ótima fonte para pesquisas relativas à flora e fauna.

As ocas e as malocas indígenas são outra fonte de estudo, sob o prisma habitacional. O material usado, a técnica de construção, o tempo em que foram erguidas, a disposição interna e, em geral, o que podem conter, valem por uma biblioteca. Encontram-se também em algumas habitações e conforme a população que ali viveu, sepultamentos, com toda a rica e variada gama de observações que deles se podem deduzir.

As estearias são habitações sobre esteios, o correspondente às *palaffite* européias e de outros continentes. Indicam um estágio mais desenvolvido. No Brasil encontram-se no Maranhão, onde Raimundo Lopes analisou algumas, especialmente a do rio Cajarí, onde há extensões que se prolongam por dois quilômetros e em cujo interior se encontram ainda utensílios de pedra e cerâmica. Na Amazônia também existem. E até hoje, habitantes modernos desta última região improvisam seus “jiraus” e palafitas em certos seus trechos.

*

h). — *Apenas mencionamos outras fontes de pesquisa: a genética e a linguística, ambas de relevância e até agora pouco estudadas.*

Quanto à genética, o exame serológico de tribos atuais, se possível ainda isoladas, é um dos fatores a ser ponderado. As frequências

gênicas nos sistemas sanguíneos ABO e MN podem dar indícios sobre as origens dos antigos habitantes da América (10). O “fator Diego” igualmente “oferece esperança de marcador da etnia mongoloide” (11). Também a comparação das patologias entre populações antigas do Velho Mundo e às dos aborígenes americanos (12).

A linguística (evidentemente das tribos atuais) comparada, é também manancial para estudo das origens americanas (13). Cremos que, aqui, os especialistas no setor linguístico poderiam nos ajudar valiosamente e seria para desejar-se que alguns viessem a se consagrar à Pré-História integralmente. Muitos esclarecimentos nos adviriam da exploração científica dessa fonte de conhecimentos.

* * *

4. — PREPARAR PESQUISADORES DESSAS FONTES.

Sim, esse é o plano que melhor resultados pode dar. Mais numerosos que no passado, somos ainda poucos para tarefa tão vasta, qual a de estudar essas e outras fontes da ciência pré-histórica. Vêm os colegas quão rica de conteúdo é a Pré-História brasileira. E essa densidade ainda deve ser acrescida necessariamente, pois cada item dos apresentados pode vir focalizado em comparação com os similares do resto do continente ou com os de todo o mundo. Os caçadores, coletores, produtores daqui e da América do Norte; os líticos e cerâmicos nossos em confronto com os da Polinésia; nossas sinalações rupes- tres, com as da Europa ou da Sibéria; a realização dos assim chamados universais de cultura, aqui e em outras partes da terra; um estudo

(10). — Cf. Salzano (Francisco M.), *Genética dos índios sul-americanos e as origens do homem americano* in “Origens do Homem Americano”, II Encontros Intelectuais de São Paulo, sob patrocínio da UNESCO. Universidade de São Paulo. Instituto de Pré-História, p. 189-197, com três tabelas.

(11). — Pedreira (Cora), *Perfil serológico dos aborígenes brasileiros*, ed., ib., p. 201.

Cf. Ottensooser (F.), *Grupos sanguíneos, Pré-História e Mistura racial*, in “Estudos de Pré-História Geral e Brasileira, cit., p. 443-449.

(12). — Cf. Fonseca Filho (Olympio da), *Parasitismo e migrações humanas pré-históricas* in “Estudos de Pré-História Geral e Brasileira”, cit., p. 1-346.

Cf. Emperaire (Annette Laming), *Les grandes théories sur le peuplement de l'Amérique et le point de vue de l'archéologie* in “Origens do Homem Americano”. II Encontros Intelectuais de São Paulo, cit., p. 228.

(13). — Cf. Rivet (Paul), *As origens do Homem Americano*. São Paulo. Anhembi, tradução, 1960.

Somente quanto a elenco de línguas sul-americanas, ver: Tovar (Antonio) *Catalogo de las lenguas de America del Sur*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1961. — E: Loukitka (Chestemir), *Classification on South American Indian Languages*, Los Angeles, Univ. of California, 1968.

sobre diversas formas mágicas ou quiçá religiosas; a vida econômica aqui e no Extremo Oriente.

Não saberíamos encarecer suficientemente de quanto se faz mister a formação de pesquisadores que venham ampliar o campo imenso das pesquisas sobre essa ciência das nossas origens, sobre esse conhecimento que nos situe no quadro universal de conexões e descendências, quanto possível, sobre esse saber que vá detectando como prodigioso rastilho de pólvora às avessas, — por isso não perigoso, mas iluminador — os fios que nos ligam ao Velho Mundo, compondo os crâneos braquicéfalos e, deles, atingir os dolicocéfalos australoídes iniciais, quase encontrando o movimento das mãos que modelaram os líticos, deram alma à argila para se converter em cerâmica, revestiram de formas e cores as paredes de abrigos e grutas, acariciaram os mortos para os sepultarem.

Possam tais pesquisadores, *embasados primeiro na Pré-História geral, depois em suas especializações*, ser numerosos em todos os Estados de nossa pátria.

* * *

*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Ari Mateus* (FAFI. Sorocaba. SP).

Pergunta:

Existe uma programação para oferecer bolsas de estudo destinadas à formação de pesquisadores da pré-história brasileira?"

*

Da Prof.^a *Maria de Lourdes Varejão* (UFES).

Disse querer saber se o Autor já esteve no Espírito Santo e se visitou lá alguns sambaquis; qual foi a sua impressão?

*

Da Prof.^a *Joana Neves* (UEMt. Centro Pedagógico de Aquidauana).

Indaga:

1.º). — O Autor considera o estudo dos povos americanos pré-colombianos, como de pré-história?

2.º). — Considera o Autor importante (e qual seria sua importância) o estudo da pré-história em áreas onde existe uma grande quantidade de indígenas?

3.º). — Existe bibliografia que possibilite o estudo da pré-história brasileira?"

*

Do Prof. *Iraci Girardi* (FAFI. Maringá. PR).

Pergunta:

“Poderá um museu ou órgão de pesquisa requisitar material coletado por um particular em determinado sítio arqueológico, sem ter tido licença especial para isso?”

Pelo estudo da pré-história no Brasil, poderá ser constatada a ‘passagem’ de fenícios, cários, egípcios e até mesmo de povos do Mediterrâneo no Brasil antes de Cristo?”

*

Da Prof.^a *Ana Maria de Pinho Guimarães* (UCMG).

Teria fundamentado a tese defendida por alguns peruanos de que os tupis-guaranis teriam se originado dos incas? Ou pelo menos alguns dos seus aspectos culturais?”

*

Do Prof. *Earle Macarthy Moreira* (UFRGs).

Indaga:

“Na metodologia do ensino da pré-história o Autor tem utilizado a jazida artificial?”

As dificuldades maiores dos seus alunos têm sido mais na pesquisa de campo ou no laboratório?”

*

Do Prof. *Oliveira Leite Gonçalves* (UFGO).

Pergunta:

“1.º). — Do que se apurou até o presente momento dos estudos da pré-história, qual a notícia mais remota de fósseis humanos? De que época serão?”

2.º). — Seria possível pensar em enveredar pesquisas na linha de verificar a origem própria do homem sul-americano, independente de outros troncos de origem?”

3.º). — Há alguma notícia sobre pesquisas pré-históricas em Goiás?”

*

Da Prof.^a *Maria Amélia Loureiro* (UFSanta Maria. RGS).

Indaga:

“Qual o valor dos achados da Lagoa Santa?”

* *

*

RESPOSTAS DO PROFESSOR JOSÉ AFONSO BUENO DE
MORAES PASSOS.

Ao Prof. *Ari Mateus*.

Responde que órgãos estaduais concedem financiamento e bolsas, mediante apresentação de programa de pesquisa e prova de idoneidade do pesquisador. Também órgãos federais, mas a esses sobem mais pedidos e nem sempre lhes é possível o atendimento.

*

A Prof.^a *Maria de Lourdes Varejão*.

Declara que infelizmente não teve oportunidade de ainda visitar o Espírito Santo.

*

A Prof.^a *Joana Neves*.

Responde:

“1.^o). — Sim: é convenção internacional. Mas as culturas adiantadas (América Central, Perú...) realmente são proto-históricas.

2.^o). — É mister ver em que situação cultural estejam os grupos indígenas, se no estado originário ou ‘primitivo’, se no ‘semi-aculturado’, se no (infelizmente) ‘aculturado’. Mas os estudos de antropologia física (medidas de crâneos, tipo sanguíneo, etc.) e de etnologia são sempre utilíssimos. E numa região como a descrita, então, seriam magníficos. Aliás, conhece Aquidauana, e, ao menos, os Terreno ali localizados. Uma situação de pesquisas, como a pergunta da professora, seria a criação de laboratório *in loco*.

3.^o). — Sim, existe. Não de modo muito variado, mais de monografias. Mas, com orientação competente, pode-se realizar um bom estudo.”

*

Ao Prof. *Iraci Girardi*.

“1.^o). — O órgão competente para isso é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que, no entanto, não costuma confiscar ‘peças’ infelizmente coletadas, a não ser que o julgasse necessário, pois tem poder para o fazer. Mas, retirar do sítio arqueológico próprio ‘peças’, sem a licença devida e sem técnica, é um crime cultural. A localização da ‘peça’ no sítio é essencial para a arqueologia pré-histórica.

2.^o). — Não. Até agora a ciência nada prova a esse respeito. É hipótese, até agora, um tanto fantasiosa, sem bases.

À Prof.^a *Ana Maria de Pinho Guimarães*.

É hipótese existente. Nordenskiöld já a avalizava (*Ars Americana*). Nesse terreno, parece-me, falta ainda mais amadurecimento; nos autores especializados, encontra-se muita coisa vaga e bom número de hipóteses de trabalho. No entanto, há probabilidades sobre influências da América Central e Andina sobre a cultura do norte do Brasil. A evidência maior está na cerâmica. Não só na do Marajó. Assim como, no outro lado da América do Sul, o complexo cerâmico de Valdívia, muito semelhante à cerâmica do Médio Jomon (Japão) lembra a possibilidade de uma introdução transpácifica, também em nosso território várias “tradições” cerâmicas podem ter vindo de fora ou terem se difundido também fora do Brasil (ver: fase Anatuba, da tradição Hachurada Zonada, relacionada com a fase Yasuni do Equador, Puerto Hormiga na Colômbia, etc.).

*

Ao Prof. *Earle Macarthy Moreira*.

Responde:

“1.º). — Pessoalmente não. Só temos jazidas verdadeiras; e se pode preparar a artificial, para treino e exercício dos alunos.

2.º). — As pesquisas de laboratório exigem vocação de pesquisador e certa maturidade. São as mais difíceis.”

*

Ao Prof. *Oliveira Leite Gonçalves*.

Responde:

“1.º). — Citei algumas datas, corrigidas, na exposição. A mais antiga, comprovada pelo C-14 orça pelos 21 Mil-22 Mil anos, e é da América do Norte. Mas, pelos indícios e deduções lógicas podemos supor que nosso continente recebeu a primeira migração do Velho Mundo em torno aos 30 mil anos atrás ou em data pouco mais recuada.

2.º). — Não. Essa hipótese, de Ameghino, está superada por total falta de prova. Os habitantes da América vieram do ‘Velho Mundo’.

3.º). — Muitas. O Prof. Acarí e o Centro de Pesquisas Arqueológicas trabalham nesse sentido. Também no corrente ano de 1973 foi aprovado pelos órgãos federais plano de ampla pesquisa pré-histórica em Goiás, promovido pe'a Universidade Católica desse Estado em união com o Instituto Anchieta de Pesquisas (Rio Grande do Sul)”.

*

A Prof.^a *Maria Amélia Loureiro*.

Responde:

“Imenso. Há aí o *Homo Americanus*. Atualmente, Madame Empereire, do *Musée de l'Homme* (diretora), ocupa-se de escavações verdadeiramente científicas na Lagoa Santa e, ao que parece, já na 2.^a expedição, levará ainda alguns anos em seu trabalho.”